

As verdes bandeiras da Constituinte

AMC p 2

PAULO RAMOS DERENGOSKI

Eis uma área onde a Constituinte brasileira inovou: a defesa da ecologia e do meio ambiente.

Há mais de cem anos —desde a morte de Marx— que os barbudinhos de todas as gerações repetem que a falta de alimentos é resultado de um invisível “sistema” ou de uma eventual “má distribuição de rendas”.

O dado novo é que agora se reconhece numa Constituição —pela vez primeira no mundo— que a falta de comida e bebida é também fruto da destruição sistemática da natureza, do uso e abuso de adubos químicos, do desmatamento, das queimadas, da erosão, do rompimento de cadeias biológicas, do envenenamento dos rios e costas marítimas, das queimadas monumentais, do esgotamento da fina camada da biosfera.

As revoluções ideológicas já foram substituídas pelos combates ecológicos. Os partidos vermelhos foram ficando rosados e agora são verdes. São as verdes bandeiras da juventude, que de tanto assistirem à destruição do meio ambiente começaram a culpar a atual geração pelo crime de ecocídio. Os constituintes perceberam a tempo tal mudança —e a consciência de culpa se transformou em lei.

Diante da violência com que se agride a natureza no Brasil, incinerando a maior floresta do mundo, empestando os maiores rios do planeta, degradando a atmosfera, “emeraldando” ricas baías costeiras, os habitantes do futuro —nossos filhos e netos— seriam obrigados a se autolimitar em necessidades vitais, tais como alimentação, lazer, higiene, consumo, natalidade etc.

A consciência histórica das gerações vindouras, sob o ponto de vista

da defesa do meio ambiente, será cada vez mais agressiva e radical. É lógico: se a catástrofe ecológica do futuro está sendo vista com complacência pelos administradores de hoje, as acusações pelo crime de ecocídio recairão sobre quem?

Os jovens que estão ingressando na realidade são produtos acabados de uma época de graves preocupações ambientais. Eles sentem medo terrível da destruição de um mundo natural que já não enxergam, mas do qual ouvem falar —e observam nas telinhas de TV. Não querem os Robocops, os caçadores de andróides, os apocalípticos mundos mortos. Pois intuitivamente sentem que a estrutura dos futuros núcleos neuróticos brotarão das cinzas desses mundos mortos...

A continuar a atual destruição ambiental brasileira, que faz, por exemplo, que se queimem as árvores da Amazônia para plantar capim ao mesmo tempo que se lavram e destroem as magníficas pastagens e o capim do Rio Grande do Sul ou do Planalto de Santa Catarina para plantar... “pinnus canadenses” —certamente chegaremos ao caos. E o caos, na área alimentar, fará os jovens se defrontarem com um novo conceito que a geração dos velhos marxistas ignorou: a sensação do finito. A prova de que o espaço terrestre tem limites físicos, que a biosfera (a fina camada em integração do solo no seu horizonte-A, água e ar) não pode ser destruído. Não há espantinho mais dantesco do que o da fome. As tétricas imagens de uma Etiópia, de um Ogaden —onde aliás predomina a pequena propriedade tribal— aí estão para horrorizar o mundo.

PAULO RAMOS DERENGOSKI, 48, é ensaísta e produtor rural em Lajes (SC).